

A IMPRENSA NEGRA COMO FONTE PARA A HISTÓRIA SOCIAL DO NEGRO

THE BLACK PRESS AS A SOURCE FOR THE SOCIAL HISTORY OF BLACKS

Ângela Pereira Oliveira
Mestre em História
Universidade Federal de Pelotas
angelapoliveira2@gmail.com

RESUMO

No Rio Grande do Sul os estudos que empregam a imprensa negra como fonte têm aumentado na última década, ainda assim se trata de uma fonte pouco explorada pelos pesquisadores. Uma vez que, esses relatos deixados pelos negros que se apropriaram da imprensa como forma de propagação de suas ideias possuem uma infinidade de especificidades a serem analisadas. Para esse estudo utilizo como fonte, especificamente, dois jornais de imprensa negra que circularam no Rio Grande do Sul. O primeiro título é denominado de *O Exemplo* (1892-1930), e foi elaborado na cidade de Porto Alegre, já o segundo, *A Alvorada* (1907-1965), circulou na cidade de Pelotas, na região sul do Estado. Através desses periódicos busco demonstrar algumas das possibilidades que a fonte possui para se conhecer, estudar e compreender um pouco mais sobre a história social do negro no Rio Grande do Sul, a fim de desconstruir estereótipos e mitos em relação ao grupo. A imprensa negra é um registro deixado pelos próprios negros sobre a sua história e o contexto em que estavam inseridos, ela é cheia de intencionalidade e de escolhas que serão problematizadas ao longo desse estudo.

Palavras chave: História social; Negros; Imprensa negra.

ABSTRACT

In Rio Grande do Sul, the studies that use the black press as a source have increased in the last decade, nevertheless it is a source little explored by the researchers. Once, these reports left by the blacks who appropriated the press as a way of propagating their ideas have a multitude of specificities to be analyzed. For this study I use as source, specifically, two newspapers of black press that circulated in Rio Grande do Sul. The first title is called *O Exemplo* (1892-1930), and was elaborated in the city of Porto Alegre, while the second, *A Alvorada* (1907-1965), circulated in the city of Pelotas, in the southern region of the state. Through these journals I try to demonstrate some of the possibilities that the source possesses to know, to study and to understand a little more about the social history of the blacks in Rio Grande do Sul, in order to deconstruct stereotypes and myths in relation to the group. The black press is a record left by the blacks themselves about their history and the context in which they were inserted, it is full of intentionality and choices that will be problematized throughout this study.

Keywords: Social history; Blacks; Black press.

A história do jornalismo brasileiro teve início no ano de 1808 quando se deu a publicação de seu primeiro impresso. O jornal *Correio Braziliense* foi lançado no dia 01 de junho de 1808, tendo sido idealizado por Hipólito José da Costa. A elaboração desse periódico não ocorreu em solo brasileiro, tendo sido produzido na cidade de Londres. Por esse motivo o seu posto de pioneiro esteve em disputa com o primeiro jornal elaborado em terras brasileiras. Tratava-se do jornal *Gazeta do Rio de Janeiro*, cujo lançamento se deu no dia 10 de setembro de 1808. Apesar da disputa entre os dois jornais em relação à escolha do precursor, aquele que levou esse título foi o *Correio Braziliense*. De acordo com os pesquisadores, entre eles, por exemplo, Pinto (2006), essa escolha levou em consideração o foco crítico do jornal e não o local de sua elaboração. Após a iniciativa do *Correio Braziliense* e da permissão para a instalação das primeiras tipografias particulares em solo brasileiro, o número de impressos que circulariam no país aumentou.

Algumas das principais referências historiográficas a respeito da história do jornalismo no Brasil não apresentam em seus estudos qualquer tipo de menção a existência de uma imprensa negra no Brasil, entre esses pesquisadores estão, por exemplo, Sodré (1999), Barbosa (2007) Martins e Luca (2008), com estudos a nível nacional, ou mesmo, no Rio Grande do Sul, como é o caso de Rüdiger (2003) e Hohlfeldt (2006).

Depois de cerca de vinte e cinco anos do início da imprensa brasileira começou a circular os impressos de cunho racial no Brasil. No entanto, entre diversos estudos a respeito da imprensa, a produção cultural da comunidade negra continua a ser ignorada por muitos, enquanto parte da história do jornalismo brasileiro. Os jornais negros são entendidos como parte da cultura na perspectiva de que essa abarca uma “multiplicidade de significados circulando como objeto de disputas e tensões, apropriações e ressignificações, repressão e sedução dentro de um contexto cultural” (CUNHA, 2002, p.18).

Para o desenvolvimento desse texto, utilizo a produção historiográfica referente ao campo de emancipações e pós-abolição no qual visa dar conta de explicar e estudar os sujeitos partindo de suas lógicas e perspectivas. Além de dar visibilidade a produção realizada por estes sujeitos, busquei problematizar as questões por eles apontadas que nos permitem conhecer ainda mais sobre suas histórias.

No dia 14 de setembro de 1833 surgiu o pasquim *O Homem de cor ou O Mulato*. Produzido por Francisco de Paula Brito, sua cidade sede era o Rio de Janeiro. Francisco de Paula Brito (1809-1861) foi impressor e editor que atuou no Rio de Janeiro de 1831 e 1861. Ele era filho e neto de libertos. A trajetória de Paula Brito foi bastante complexa, como demonstra Godoi (2014) em sua tese dedicada à trajetória de Paula Brito.

Paula Brito foi aprendiz da *Tipografia Nacional*. E, em 1831 quando possuía 22 anos, ele adquiriu, de um parente seu, um pequeno estabelecimento que outrora funcionava como papelaria. Paula Brito transformou este espaço em tipografia, com a realização da compra de maquinários. O estabelecimento foi batizado de *Typographia Fluminense*. Local que publicou muitos livros de Machado de Assis.

Paula Brito começou a editar esses jornais num contexto de debates em torno da cidadania da população de cor escura (PINTO, 2010). Nesse sentido, ele se apropria da comunicação para questionar a precariedade da liberdade e o descaso com a cidadania de sua gente. De acordo com Chalhoub (2012) até 1860 todos que tivessem a pele escura e fossem detidos pela polícia, julgando serem escravizados, mesmo que liberto ou livre, permaneciam como escravizados até que conseguissem comprovar o contrário.

Desde o primeiro número de seu jornal Paula Brito expunha os embates raciais existentes no país. O tipógrafo publicou na capa de seu pasquim a proposta apresentada pelo presidente da província de Pernambuco, Manuel Zeferino dos Santos, na qual expunha a vontade de distribuir de maneira “diferenciada e hierarquizada os cargos públicos entre os cidadãos de acordo com a tonalidade da pele” (*O Homem de Cor*, 14/09/1833, p.01). O intuito dessa proposta era “controlar quem poderia ocupar as altas posições da Guarda Nacional”, criada em 1831 (PINTO, 2010, p.25).

Tal prática racista denunciada pelo jornal na qual defendeu o político era pautada, por exemplo, pelo medo que os administradores públicos e a elite política tinham de que o Brasil passasse por um processo de “africanização” e “haitianização” (Rodrigues, 2000). Além disso, mesmo sem o uso específico do termo “raça” a ideia expressa por ela fica implícita, isto é, é possível observar a absorção da racialização no posicionamento do político ao defender uma proposta na qual o critério de seleção seria a cor da pele e não a capacidade dos sujeitos.

As teorias sobre a diversidade humana, elaboradas pela ciência moderna, colocavam a humanidade em diferentes grupos, e nesse caso o (a) negro (a) passou a ocupar uma posição inferior em relação ao branco, tanto em termos cultural quanto biologicamente. E essa concepção acabou por ter sérias consequências que se refletem no imaginário social até os dias de hoje.

As palavras do político denotam o desejo de uma elite em manter hierarquias sociais baseadas em classificações fenotípicas e, denotar as pessoas de cor escura um espaço de subalternidade em relação aos brancos, mesmo depois que essas conquistassem a sua “liberdade”.

Nesse sentido, a imprensa negra se tornou um espaço tão importante (mais um) para a resistência da gente negra no pós-abolição, por fazer frente a estigmas e estereótipos negativos construídos em relação à população de cor escura e auxiliar na formação de uma nova percepção dos próprios indivíduos. Ao se deparar com o racismo da sociedade, os integrantes desta imprensa buscaram meios de se unir para enfrentá-lo.

O funcionalismo público era um dos meios pelos quais os libertos poderiam ascender socialmente e por isso as barreiras ao seu acesso passaram a serem propostas. Manuel Z. dos Santos é apenas um entre tantos outros que se opuseram a ascensão social dos negros. Ao ver o (a) negro (a) como uma ameaça, critérios de seleção que remetessem à cor de pele e à nacionalidade, por exemplo, passaram a ser acionados (ROSA, 2014).

Após o nascimento desse jornal, surgiram outros. A imprensa foi apropriada por eles para uso em prol de seus interesses políticos e raciais (ROSA, 2014). Com a criação de

periódicos raciais ficou o registro de uma série de informações da cotidianidade dos indivíduos nos quais dialogavam. Através desses impressos é possível perceber que parte da população negra (não se pode generalizar) não estava alheia ao contexto que colocava em cheque as suas capacidades. Mesmo não tendo sido consultados politicamente, eles apresentaram suas opiniões e posicionamentos.

Diante de todos os problemas vivenciados no pós-abolição, a imprensa negra foi mais uma estratégia de luta. O enfrentamento ao sistema que lhes oprimia não era feito somente pelo uso da força física. Os escritos deixados nesses semanários permitem muitas considerações sobre o comportamento, as ideias, os valores e os princípios, além de registrar a atuação de diversos personagens que buscavam uma melhor condição de vida para a população de tez escura. Esses jornais permitem que o pesquisador possa conhecer ainda mais a respeito da sociabilidade da comunidade negra, o papel que as mulheres negras tinham na organização de sua comunidade, a circularidade desses sujeitos pelos mais diferentes espaços sociais (não necessariamente somente de negros), de que maneira eles participaram da história e interagiram com o seu contexto fugindo do determinismo que os condicionava, o que pensavam e debatiam em torno da cidadania, as reivindicações e denúncias a respeito dos casos de racismo, entre outros.

“Imprensa negra” foi uma expressão cunhada pelo pesquisador francês Roger Bastide (1983). Ele também foi o primeiro a utilizar esse tipo de impresso enquanto fonte de pesquisa (SANTOS, 2011). No Brasil, esses periódicos iniciam no século XIX, mas é no século XX que atingiram um grande número de exemplares em circulação. Mesmo depois da “descoberta” da fonte, ela ainda foi pouco explorada. No caso do Rio Grande do Sul, Cardoso (1962) foi o primeiro a apontar a existência desse tipo de comunicação no Estado, mas não a empregou em seu estudo. Entre as pesquisas, que a utilizam como fonte, temos, por exemplo, Müller (1999), Guimarães (2003), Santos (2003) e (2011), Pinto (2006); Tavares (2007), Domingues (2008); Carvalho (2009), Silva (2011), Rosa (2014), Godoi (2014) e Böhrer (2014).

O Homem de cor circulou somente em 1833, conforme apontado. A curta duração era comum entre pasquins do gênero. E, normalmente esteve “vinculada a questões econômicas” (BASTIDE, 1983, p.129). Por visarem às camadas mais baixas da população, o apoio financeiro era difícil. Não era incomum que os redatores aplicassem dinheiro de seus bolsos, proveniente de outro tipo de renda, uma vez que a maioria desempenhava outras atividades profissionais.

Durante o século XIX, a dificuldade de manter um jornal não se limitava aos produzidos pela população negra. No entanto, no século XX, com o desenvolvimento do processo de impressão, o que levou a uma industrialização da imprensa, essa situação mudou. O jornalismo,

visando aumentar a sua circulação, investiu em tecnologia gráfica, pois era um empreendimento capitalista que buscava o lucro (RÜDIGER, 2003). No Rio Grande do Sul, o *Correio do Povo* (1895), de Porto Alegre, foi o primeiro que passou a se comportar como uma empresa. A compreensão da profissão de jornalista também sofreu alterações: antes entendido como diretores e proprietários, depois passando a englobar os responsáveis pelas notícias (RÜDIGER, 2003).

A imprensa rio-grandense, antes da sua modernização, teve vários vieses. Entre eles estava uma tendência política partidária, na qual os veículos de comunicação expressavam a opinião dos partidos para a sociedade, com caráter opinativo, tornando esse meio uma forma de atingir carreira política. O jornalismo também assumiu outras feições, como, por exemplo, a literária, que se consolidou devido às necessidades culturais que surgiam na época. Mesmo com uma nova forma de se conceber a comunicação, antigas práticas se conservaram, inclusive, em periódicos de cunho racial.

Como mencionado, a imprensa negra somente atingiu seu auge no século XX. Várias são as possibilidades para justificar o aumento de impressos. Uma delas é o próprio contexto. Desde a crise do escravismo às discussões sobre a diversidade humana, que delegavam superioridade a algumas etnias em detrimento de outras, vinham sendo importadas para o Brasil. Nesse sentido, os projetos políticos de imigração também atuavam como uma maneira de branquear a população. No fim da escravidão, as teorias raciais estavam em alta no Brasil. Sua influência sobre áreas como a ciência e o direito, por exemplo, acarretaram na criação de novas hierarquias, para o sistema jurídico e policial. No momento em que o (a) negro (a) conseguiria de fato a sua cidadania, o sistema jurídico e policial comprava a ideia de que ele se encontrava mais próximo ao estado de barbárie humana. A ciência passou a influenciar no processo de inclusão e exclusão dos grupos sociais e por isso a imprensa negra põe em questionamento a cidadania da população de cor de pele escura (ROSSI, 2011).

Para o Rio Grande do Sul, por exemplo, uma motivação para a expansão desses escritos pode ter sido a vontade de não se calar frente à invisibilidade construída sobre eles. O negro foi deixado de lado nas memórias do estado (e a importância da mulher negra foi ainda mais invisibilizada), tendo suas histórias simplificadas, primeiro, para dar lugar à construção de uma escravidão amena diferente do restante do país e, em segundo, para a elaboração do mito de uma sociedade branca de origens europeias.

Os jornais negros eram uma resposta imediata às experiências que esses indivíduos estavam vivenciando. Entre os pontos comuns existentes nessas produções estavam:

Primeiro, os periódicos eram fundados, escritos e mantidos por pessoas que se autodenominavam como negras ou que se colocavam como muito próximas deste meio; Segundo, tinham como leitores e alvos prioritários das publicações, embora muitas vezes não fossem os únicos, a população negra; Terceiro, os jornais divulgavam assuntos de interesses dos negros e eram reconhecidos pelos leitores como defensores das suas questões; Quarto, alguns redatores dos jornais mantinham contatos próximos entre si, trocavam exemplares e autorreferenciavam-se como “coirmãos” que “colima[vam] o mesmo ideal pelo qual nos batemos”; Quinto, todos esses aspectos eram, de forma recorrente, divulgados pelos jornais de maior circulação. As publicações negras e os seus principais responsáveis eram representados na “grande imprensa”, quando dos lançamentos ou pela passagem das datas comemorativas das fundações, como pertencentes àquela parcela populacional (SANTOS, 2011a, p.108).

Em diversas cidades e estados, a imprensa negra circulou, sobretudo onde havia uma aglomeração dessas pessoas. No caso do Rio Grande do Sul, alguns exemplos são Pelotas, Rio Grande, Porto Alegre e Bagé. No entanto, nem todos os periódicos eram compostos somente por negros no seu corpo editorial, alguns contavam com a presença de brancos entre os seus colaboradores (o que demonstra o poder da branquitude, pois mesmo em jornais negros, eles estariam inseridos). Isso ocorre porque entre as suas preocupações estavam temas de comum interesse para as classes sociais mais baixas, como, por exemplo, moradias, empregos, educação, alimentação e trabalho.

O primeiro título de imprensa negra gaúcha foi *O Exemplo*, editado de 11 de dezembro de 1892 a 1930. Esse jornal circulou em Porto Alegre e tinha por foco discutir estratégias de inserção do povo negro e de enfrentamento ao racismo. Outro periódico muito significativo para a história social do negro, focado no sul do Estado, na cidade de Pelotas, foi o jornal *A Alvorada* (1907-1965). Esse jornal é marcado pela sua longevidade. O seu foco era a luta contra a discriminação racial, a defesa do operariado pelotense e a divulgação de ideias. Ambos os jornais tiveram momentos de interrupções na circulação de seus semanários.

O Exemplo e *A Alvorada* nascem em contextos diferenciados e apresentam características comuns e particulares. Compartilham entre si a ênfase nas denúncias de racismo e a divulgação de sociabilidades negras. Os dois periódicos tinham objetivos de organização política e de formas de mobilização, porém obtiveram encaminhamentos e resultados diversos nessas cidades.

Os impressos negros buscavam fortalecer os *seus*. Nesse sentido, defendiam a educação como meio de combater a marginalização do (a) negro (a), superar os preconceitos e ser tratado com igualdade. Além de promover a “superação dos complexos e estereótipos que os inferiorizavam na busca da mobilidade social” (SANTOS, 2006, p.157).

Por não se sentirem representados pelos veículos de comunicação de grande circulação, uma vez que esses também contribuía para o processo de estereotipação do (a) negro (a), seus jornais se tornaram uma forma alternativa de comunicação (SANTOS, 2011). Assim, foi necessário criar um reconhecimento com a comunidade e construir uma identidade de grupo tanto no sentido cultural quanto social (SILVA, 2014).

A imprensa negra permite entender as lógicas culturais, sociais e políticas conferidas por estes indivíduos. Além da cotidianidade de cerceamentos que acarretavam nas dificuldades e barreiras sociais, que gerava diferentes maneiras de enfrentamentos, inclusive as mais sutis. A elaboração desses jornais foi resultado de uma forma de articulação, atuante na constituição de uma identidade de pertencimento de grupo e de valorização dele. No entanto, pertencer a um grupo não conferia a esses sujeitos uma homogeneidade de pensamento e ações.

A imprensa é uma produção narrativa com diferentes significados. Ela apresenta alguns fragmentos de fatos entrelaçados à interferência de um autor, isto é, propaga ideias, dita regras e posturas, mas também manipula a informação e o comportamento. No período republicano, entre os órgãos jornalísticos, algumas ideias encontraram solo fértil, por exemplo, as teorias raciais, o liberalismo e o positivismo. Alguns veículos de comunicação se aliaram a partidos políticos defendendo o interesse dos mesmos. Enquanto fonte, essas características apresentadas pelos impressos acabaram lhes delegando um papel secundário até meados dos anos 1970, tendo custado a cair no gosto dos pesquisadores, pois “pareciam pouco adequadas para a recuperação do passado” (LUCA, 2006, p.112).

Nas primeiras décadas do século XX, a aparição de negros (as) nos jornais de grande circulação não era comum, exceto em casos policiais nos quais intencionalmente se destacava a cor da pele reforçando concepções racistas (do negro criminoso, desocupado, vadio e malandro). Os negros não eram representados (as negras menos ainda) apesar de estar, em diversos casos, entre os trabalhadores das tipografias, das gráficas e das redações. Mais um ponto que demonstra como as relações raciais no Brasil não eram/são amenas.

O confronto com essa realidade se deu com a consciência de que o combate ao racismo era interesse da população de cor (PINTO, 2010), o que culminou na criação de jornais que dessem conta de responder as injúrias, maldades e difamações diárias recebidas pela população negra. A escrita lhes garantiu um papel de autor de suas histórias. Não foi preciso que ninguém falasse por eles, eles se posicionaram e organizaram sua defesa. Por isso é que eles são os protagonistas de sua história.

Referências

- BARBOSA, Marialva. **História cultural da imprensa**. Brasil 1900-2000. Rio de Janeiro: Editora Mauad X, 2007.
- BASTIDE, Roger. A imprensa negra do Estado de São Paulo. **Estudos Afro-brasileiros**. São Paulo: Perspectiva, 1983. Pp.129-156.
- BÖHRER, Felipe Rodrigues. A música na cadência da História: raça, classe e cultura em Porto Alegre no pós-abolição. **Dissertação de Mestrado** (História). Porto Alegre: UFRGS, 2014.
- CARDOSO, Fernando Henrique. **Capitalismo e escravidão no Brasil meridional**: o negro na sociedade escravocrata do Rio Grande do Sul. São Paulo: Difel, 1962.
- CARVALHO, Gilmar Luiz de. A imprensa negra paulista entre 1915 e 1937: características, mudanças e permanências. **Dissertação de Mestrado** (História Econômica). São Paulo, USP, 2009.
- CHALHOUB, Sidney. **A força da escravidão** - Ilegalidade e costume no Brasil oitocentista. São Paulo: Companhia das letras, 2012. 2ed.
- CUNHA, Maria Clementina Pereira da. **Carnavais e outras f(r)estas**: ensaios de história social da cultura. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, CECULT, 2002.
- DOMINGUES, Petrônio. **A nova abolição**. São Paulo: Selo negro, 2008.
- GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. Notas sobre raça, cultura e identidade na imprensa negra de São Paulo e Rio de Janeiro, 1925-1950. **Afro-Ásia**. 2003, n.29/30. Pp. 247-269.
- GODOI, Rodrigo Camargo de. Um editor no Império: Francisco de Paula Brito (1809-1861). **Tese de Doutorado**. Campinas, UNICAMP, 2014.
- HOHLFELDT, Antonio. A imprensa sul-rio-grandense entre 1870 e 1930. In: **COMPÓS**, Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, dez. 2006. Pp.01-12.
- LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2006. 2ed.
- MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de (orgs.). **História da imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2008.
- MÜLLER, Liane Susan. **As contas do meu rosário são balas de artilharia**: irmandade, jornal e associações negras em Porto Alegre (1889-1920). **Dissertação** (Mestrado em História). Porto Alegre, PUCRS, 1999.
- PINTO, Ana Flávia Magalhães. De pele escura a tinta fresca: a imprensa negra no século XIX. **Dissertação de Mestrado** (História). Brasília, UNB, 2006.

_____. **Imprensa Negra no Brasil do século XIX**. São Paulo: Selo Negro, 2010. Coleção Consciência em debate.

RODRIGUES, Jaime. Diagnóstico dos males. In: **O infame comércio**. Propostas e experiências no final do tráfico de africanos para o Brasil (1800-1850). Campinas: Editora da Unicamp, 2000. Pp.31-68.

ROSA, Marcus Vinicius de Freitas. Além da invisibilidade: história social do racismo em porto alegre durante o pós-abolição (1884-1918). **Tese de Doutorado** (História Social). Campinas: UNICAMP, 2014.

ROSSI, Gustavo. O intelectual feiticeiro. Edison Carneiro e o campo de estudos das relações raciais no Brasil. **Tese de Doutorado** (Antropologia). Campinas: UNICAMP, 2011.

RÜDIGER, Francisco Ricardo. **Tendências do jornalismo**. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2003. 3 ed.

SANTOS, José Antônio dos. Intelectuais negros e imprensa no Brasil meridional. **Ìrohìm**. Brasília, ano XI, n.16, abril-maio de 2006.

_____. Prisioneiros da História: trajetórias de intelectuais na imprensa negra Meridional. **Tese de Doutorado** (História). Porto Alegre: PUC, 2011a.

_____. **Raiou a Alvorada**: Intelectuais negros e imprensa – Pelotas (1907-1957). Pelotas. Ed. Universitária, 2003, v.7.

_____. Uma arqueologia dos jornais negros no Brasil. **Historiae**. Rio Grande, 2 (3), 2011. Pp.143-160.

SILVA, Fernanda Oliveira da. Os negros, a constituição de espaços para os seus e o entrelaçamento desses espaços: associações e identidades negras em pelotas (1820-1943). **Dissertação de Mestrado** (História). Porto Alegre: PUCRS, 2011.

SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014. 14ed.

SODRÉ, Nelson Werneck. **A história da imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

TAVARES, Viviani dos Santos. DR. Pescadinha em cena. **Trabalho de conclusão de Curso**. Pós-graduação em História do Brasil. Pelotas, UFPel, 2007. Disponível em: Núcleo de Documentação Histórica (NDH-UFPEL).